

PAPÉIS

A campainha invadiu toda a casa. Ela entrou na sala; vinha do quintal pisando firme. A toalha da mesa conseguia escondê-lo. Ele tinha certeza de que as grossas franjas ao redor daquele toalhão eram seguras. É, o escuro esconde tudo... até o medo?

Depois do toque sonoro, ele se arrastou para debaixo da mesa. Tremia. Não pelas mãos dela que, às vezes, passavam ajeitando a toalha, mas sim pelo vento ao espargir água do roto avental plástico, balançando de um lado a outro com o gingado dos quadris ao som dos tamancos. Tamancos mesmo; tamancos de madeira. Ela suave. Nenhuma palavra no ar, só pingos e vento.

Porta aberta, ela acolhe o pacote.

- Precisa assiná, moço? Não sei escrevê.

- É só pôr a hora, senhora!

- Põe você, num já falei não sei escrevê!

Ele ouvia de longe a conversa dela com aquele um no portão, e não se interessava. Com seu pai fazia igual. Enquanto o pai falava, ele dizia para si mesmo: pai fala muito, ele diz que são palavras longas, complicadas, procura me explicar de onde vem o planeta Terra, os corpos celestes, o astro rei. Pra quê? Não são meus amigos. Quero saber como é meu pai, ele nem percebe. Passo a mão no braço dele, enquanto me ensina que cada palmo mede 10 centímetros; melhor de pé pra alcançar a cabeça; os cabelos dele têm fios grossos e compridos, os meus, bem curtos. Mas muito diferentes do Titão, que tem pelos no corpo todo até as patas, ele não tem cabelo igual a nós dois. Este sim é meu amigo, fica junto de mim o dia todo e até me leva pro jardim; é só pôr a mão no corrimão, desço três degraus, falo que quero ir até a fonte e ele me leva. Mesmo com sede, não bebo daquela água, como ele. Se Esmeralda me pegar com a mão molhada, me dá um tapa, que vai doer até amanhã.

Ricardo percebeu Esmeralda entrar na sala, passou por ele e seguiu ao fundo do quintal com o pacote. Tamancos não mais. Será que o avental secou? Ficou muito tempo lá fora. Vai ver que cortou margaridas para pôr no vaso. Ela sabe que gosto delas, porque têm muitas folhinhas. Já sei, no fim de semana, digo pro meu pai que quero desenhar. Aí ele põe um papel na mesa – escolhe um que não tem cor, só fala que é branco. Engraçado, o branco não é cor? O filho da Esmeralda me contou que na classe ele é o único de cor. E eu? O papel é branco e as folhinhas da margarida são também. Meu pai sempre faz um círculo com lápis amarelo no miolo da flor. Por isso quer me falar do Sol, porque ele também é amarelo. Tem gente amarela?

De surpresa, Esmeralda chegou com um suco de morango, os dois fazem tim-tim e riem.

O pai o atende; retira uma margarida do vaso e, com cuidado, destaca-lhe uma pétala, colocando-a sobre o papel; põe um lápis na mão de Ricardo, segura-a com firmeza para ele volteá-la, e assim por diante com as outras, até não sobrar nenhuma e o miolo ficar rodeado de folhinhas. Palmas e palmas, nasce uma margarida, ele diz com alegria! Na segunda-feira, quando a professora Regina chegar mostro meu desenho. Já sei, ela vai fazer mil elogios ... está lindo, vai dizer e também me beijar com muitos estalos e parabéns.

- Pai, tem parabéns pra mim, tem também presentes, certo?

O pai põe no colo do filho o pacote, e Regina tira da bolsa um livro. Esmeralda recolhe a toalha da mesa da sala. Ricardo rasga o papel do presente, abre a caixa, pega uma bola e a faz rolar sobre a mesa.

- Ôba, pra eu jogar com Titão. E o outro só pode ser um livro. Acertei? Poxa, pai, que diferente, não é de papel como o jornal, nem como seus livros. Quando passo a mão neles, vem um cheiro esquisito e é liso. Meu presente não, é perfumado, tem uns furinhos fazendo desenhos que sinto nos dedos! É para eu imaginar o amarelo e conhecer o Sol?

Estela Luna